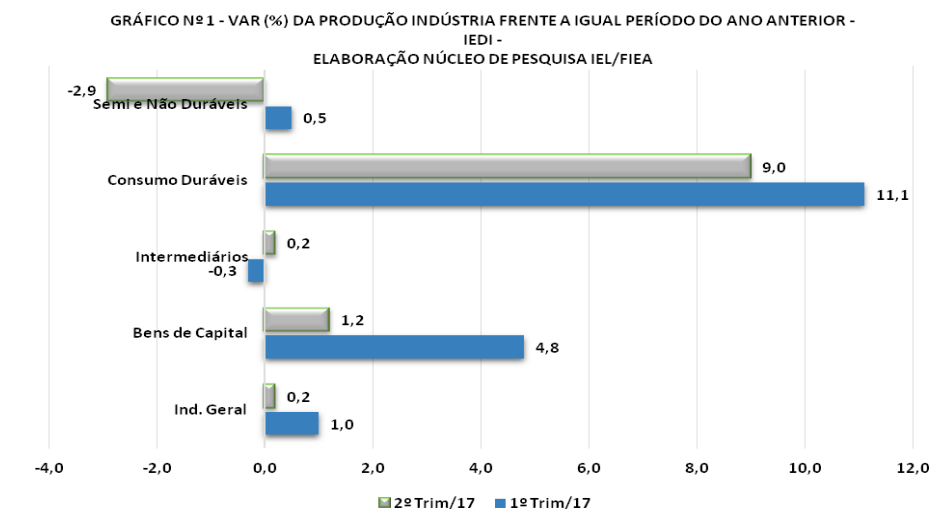




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

A indústria no primeiro semestre de 2017

No primeiro semestre de 2017 a indústria brasileira apresentou um modesto crescimento em relação a igual período do ano anterior: 0,5%. Nos três primeiros meses, a exceção de bens intermediários, como pode ser observado no gráfico nº 1, todas as demais categorias de uso apresentaram crescimento, com destaque para bens de capitais e de consumo duráveis beneficiados pelo aumento da produção no agronegócio e das exportações. No segundo trimestre, houve desaceleração das taxas de crescimento de bens de capital e duráveis, discreta melhoria na produção de bens intermediários proporcionado pelo setor externo e queda expressiva na de semiduráveis e não duráveis, no caso deste último em função, principalmente, da estagnação do mercado interno. O aumento das exportações de bens de consumo duráveis, com destaque para a indústria automobilística, junto com o câmbio apreciado, contribuiu para alavancar as importações de matérias-primas. Há consenso entre os analistas que os resultados da indústria no primeiro semestre de 2017 apontam para um quadro de estabilidade, deixando, ao que tudo indica, para trás a sequência de resultados negativos observada até o ano passado. Há também clara percepção que os resultados positivos obtidos pela indústria estão preponderantemente associados a melhoria das exportações e do setor de agronegócios. O mercado interno continua apresentando sinais débeis de recuperação, o que tem afetado o estado de confiança dos consumidores e empresários. As pesquisas da CNI tem apresentado piora nos índices de confiança das famílias e dos empresários da



indústria. Neste último caso, em função da queda do faturamento real da indústria de transformação e do aumento da ociosidade da indústria em geral, que apresentaram piora -5,9% e 36,1 quando comparados aos -2,4% e 39,9 em junho de 2016, respectivamente. Ademais, ainda segundo a CNI, no primeiro semestre de 2017, apesar da melhora, os índices continuaram registrando insatisfação dos empresários em relação ao lucro operacional e a situação financeira. No tocante as expectativas dos consumidores, no último levantamento realizado pela CNI, “o INEC registrou 99,5 pontos em julho, uma queda de 1,0% em relação ao mês anterior. Esse é o menor valor observado desde maio de 2016. Com a queda, o INEC de julho encontra-se 8,2% abaixo da média histórica do índice, revelando que a confiança do consumidor ainda continua em patamar baixo”. Ainda segundo a pesquisa da

CNI, “entre os componentes do INEC, todas as variáveis de tendência futura – que avaliam as expectativas para os próximos seis meses – apresentaram queda em julho. Com destaque para o índice de expectativa de desemprego que caiu 5,2% no mês contra junho (quanto menor o índice, maior a expectativa de aumento do desemprego). Além disso, os índices de expectativa de compras de bens de maior valor, de inflação e de renda pessoal recuaram 1,7%, 1,5% e 0,7%, respectivamente, na mesma base de comparação”. Em síntese, o não crescimento da indústria em junho na margem, com ajuste sazonal, e a discreta expansão de 0,5% no primeiro semestre sinalizam estabilidade na produção industrial e que ainda é cedo para se falar em recuperação consistente da atividade industrial.

Mercado reduz estimativa da Selic para 2017

O IPCA nos últimos doze meses acentua sua trajetória de baixa saindo do patamar de 8,74%aa em julho de 2016 para 2,71%aa em igual período de 2017. Os fatores que tem contribuído para a desinflação observada neste período continuam os mesmos: estagnação econômica (elevadas taxas de desemprego e de ociosidade na indústria); supersafra agrícola e queda nas expectativas inflacionárias. No tocante a este último fator, os dados do boletim Focus, pesquisa semanal feita pelo Banco Central do Brasil junto a cem instituições financeiras, vem registrando contínuas revisões para baixo dos analistas de mercado para a mediana das estimativas de inflação (IPCA) em 2017 e 2018, que tem ficado abaixo do centro da meta de 4,5%aa, ou seja, em 3,50%aa e 4,20%aa, respectivamente, conforme Focus de 11/08/2017. Há um mês atrás estas mesmas estimativas eram de 3,68%aa e 4,34%aa. Em função da continuidade da trajetória

descendente do IPCA, o mercado revisou para baixo a selic para o final de 2017 e 2018. Há quatro semanas atrás, de acordo com o Boletim Focus, as expectativas eram de fecharmos este e o próximo ano com selic a 8,0%aa. Na última pesquisa feita pelo Banco Central junto ao mercado financeiro as estimativas para selic baixaram a 7,50%aa, respectivamente para estes anos. Além da supersafra que continuará favorecendo a queda nos preços dos alimentos, pesa também para manter a inflação abaixo da meta a indefinição do quadro político que tem dificultado a retomada da economia que tem se mantido estagnada, apesar da mesma ter parado de piorar, com a produção industrial mantendo-se relativamente estável no primeiro semestre com crescimento de 0,5%. Em função deste resultado da indústria, o departamento econômico do Bradesco estima retração de 0,3% no PIB do Brasil no segundo trimestre de 2017.

O Brasil com o corte na selic de 100pb na última reunião do COPOM, que saiu de 10,25%aa para 9,25%aa, passou a ocupar o terceiro lugar no ranking de taxas de juros reais internacionais com a taxa de 3,71%, só perdendo para a Rússia e Turquia com 4,59% e 3,93%, respectivamente. É importante observar que em relação aos demais componentes dos BRICs, China, Índia e África do Sul, a taxa brasileira está bem acima uma vez que a destes países encontram-se nos seguintes patamares: 1,45%aa, 1,39%aa e 0,86%aa. A taxa de juros básica nos últimos dozes meses caiu 4,9% enquanto a taxa de inflação 6,02%, o que demonstra que a política de juros se mantém relativamente conservadora com o Banco Central atrás da curva de juros. Ou seja, há espaço para corte maiores dos juros, mas o BCB vê no não cumprimento das metas fiscais um fator que tem contribuído para o ajuste cauteloso da política monetária.

A Produção Industrial Brasileira em junho de 2017



O desempenho da indústria brasileira em junho de 2017 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento na margem de 0,0%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 0,5%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “ao que parece, alguns fatores que estimularam a produção industrial nos primeiros três meses do ano perderam força no trimestre seguinte. Dentre eles pode ser citada a excelente safra agrícola, que estimulou a produção de bens de capital agrícola, por exemplo.

Também é o caso da liberação dos recursos de contas inativas do FGTS, que gerou expectativas positivas em alguns setores, como eletroeletrônicos, calçados, têxteis, vestuário, etc, impactando positivamente seu ritmo de produção. Cabe observar, contudo, que em alguns desses setores, sobretudo têxteis e calçados, tais expectativas podem ter sido parcialmente frustradas já que, nos últimos meses, os estoques efetivos têm ficado acima do planejado, segundo os indicadores da CNI”. Ainda, segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo

com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,7% em junho de 2017, ficando praticamente estável desde o início do ano. Em relação a maio do corrente ano, houve alta de 0,5 ponto percentual. O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80%). O indicador da CNI, a seu turno, também apontou para um nível historicamente baixo da utilização da capacidade em junho de 2017: 77,0%, contra 81,3% na média desde jan/03. Na passagem de maio (77,4%) para junho houve um pequeno recuo de 0,4 ponto percentual, já descontados os efeitos sazonais.”

Variações da Produção - Junho - 2017 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,0	0,5	0,5	-1,9
Bens de capital	0,3	0,3	2,9	1,0
Bens intermediários	0,1	0,9	-0,1	-2,1
Bens de consumo	-1,1	-0,6	0,9	-2,1
Bens de consumo duráveis	-6,0	5,0	10,0	1,5
Semiduráveis e não Duráveis	-0,5	-1,8	-1,2	-2,9
Extrativa Mineral	1,3	4,5	6,0	0,1
Transformação	-0,2	-0,1	-0,3	-2,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Jéssica Maria Silva Cabral

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luana Roberta Pereira Silva

Luan Victor Ramalho de Oliveira